



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 26 - julho de 2021

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2021i26p1-4>

APRESENTAÇÃO

“Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim
corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas.”

(Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*)

Para a nossa sensibilidade do século XXI, é patente reconhecer o corpo humano como objeto privilegiado nas representações das artes e literaturas; nem sempre, porém, os discursos sobre o corpo puderam circular livremente. Do desvalor que o mundo das aparências recebeu em relação ao mundo das Ideias em Platão, ao “pecado da carne” proclamado pelo Cristianismo, poderíamos falar de uma longa cultura do que Nietzsche chamou dos “desprezadores do corpo” na metafísica ocidental; aquilo que para ele constituiu o cerne do Niilismo como marca da nossa tradição filosófica. Talvez não por acaso, após a crise das religiões, o marxismo, o declínio do Romantismo e as duas grandes guerras, o século XX tenha-se visto paulatinamente a “recuperar o corpo”. Seja a partir dos próprios artistas, poetas, escritores, seja nos pensadores e teóricos, então impulsionados a (re)pensar a presença do corpo não somente nas manifestações correntes de sua época, mas também nas de outros tempos. O corpo parece ter-se tornado objeto incontornável de estudo, material privilegiado de trabalho. Ao mesmo tempo, elemento fundamental a nos fazer repensar a história e suas versões consagradas.

São inúmeras as frentes em que se expressam esse reconhecimento e interesse pelo corpo nos estudos literários recentes. Poderíamos nos lembrar da valorização da literatura de tradição oral, a redescoberta da voz, que se tem por exemplo nos estudos do

medievalista Paul Zumthor acerca da performance, ou nas mais recentes abordagens das canções dos povos ameríndios ou das literaturas ditas periféricas. De Barthes à estética da recepção, a importância dada à implicação do corpo na experiência da leitura ou, ainda nisso, a consideração dos sentidos na fenomenologia de Merleau-Ponty. A questão da transgressão e do erotismo, nas chaves mais diversas quanto as de Georges Bataille ou Octavio Paz. A releitura de Espinosa por Gilles Deleuze, e a especial atenção dada à questão: o que pode um corpo?

Desse desejo de pensar a potência dessa diversidade dificilmente mapeável, nasceu o dossiê do presente número da FronteiraZ: *Poéticas do corpo*. Nada mais natural que a seção “Entrevista” (disponível em vídeo) trouxesse uma conversa com um especialista em esporte e filosofia: João Tiago Lima, da Universidade de Évora, convida-nos a pensar como o artista, assim como o esportista, “entrega seu corpo”, conforme a expressão de Merleau-Ponty sobre o pintor. Não há leitura, tampouco, sem essa entrega corporal, talvez essa que defina o poético em Zumthor: “que um texto seja reconhecido como poético (literário) ou não depende do sentimento que o nosso corpo tem”. Prazer, gozo, erotismo. Estamos no campo dos afetos, ao falarmos do literário.

Veremos nos artigos aqui presentes uma multiplicidade que oscila entre o hiperrealismo de uma história visual verídica e a intemporalidade perturbante da gnose alquímica. Uma linha de força identificável será, nesse dossiê, a conceitualização do corpo enquanto forma primordial, “mônada” transdutora e incorruptível. Nessa qualidade, o corpo é concebido como um núcleo simbólico gerador de intensa produtividade metafórica e capacidade de evocação metonímica. José Gil atribui ao corpo o valor de significante flutuante, suscetível de suportar qualquer conteúdo simbólico e de atuar como um permutador ou transdutor entre os diferentes códigos em presença.

Abrindo o dossiê, um convite: *Visita guiada ao impossível corpo de Cecília. Ensaio a partir de A Cidade de Ulisses, romance de Teolinda Gersão*. É um exercício muito livre do modelo ensaístico, em que Ana Luísa Vilela adota a voz da malograda protagonista romanesca: a enunciação feminina, emancipada, desencantada e irônica, reestabelece o discurso de um corpo feminino emudecido e mitificado, ampliado pela reconstituição artística, a espacialização erótica e a geografia poética.

Está instaurada, assim, uma ampla linha temática no nosso dossiê: aquela que perspectiva maioritariamente o corpo feminino. Isabela Bosi, no seu artigo *O que resta de um corpo à espera ou memórias de La Douleur, de Marguerite Duras*, descreve-nos

um corpo-resíduo, frágil destroço ou habitáculo de uma espera sem esperança, de uma memória ou de uma palavra essencial – e que entretanto, femininamente, ferinamente, busca permanecer vigilante e acesa. Em *Mapping the body through pain, loss and trauma: overcoming violence against women through art*, Carla Ferreira de Castro analisa um conjunto de imagens que recompõem terapêuticamente a história de um crime factual; em *O corpo feminino como intertexto moral do feminicídio*, Carlos Magno Gomes propõe uma aproximação entre o conto “Dolly” (1995), de Lygia Fagundes Telles, e o romance *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo (2019). Em ambos esses dois últimos ensaios, cada um a seu modo, o corpo feminino constitui o objeto atual, social, passional e epistémico da projeção pulsional da morte, da violência e do desejo.

O corpo onipresente da mulher é abordado por Rosicley Andrade Coimbra no seu artigo *Imaginação erótica e errância do corpo no romance Corpo presente, de João Paulo Cuenca*. Aqui, a imagem fantasmática de Carmen é, no seu amante, uma espécie de corpo difuso (e infuso), cuja possessão inverte perspectivas e gravitações, e o torna talvez o veículo de uma rebelião contra os padrões estéticos mercantilizados, as normatividades mutilantes, os fechamentos conspícuos.

Síntese esplêndida entre espírito e matéria, a claridade solar do corpo nu da Antiguidade Clássica é evocada por Raquel Lopes Sabino em *Marcas de erotismo na expressão do corpo na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Já Sérgio Valadas das Neves, em *Notas para uma poética alquímica do corpo*, revisita o corpo tomado como hipóstase ou matéria prima da psicofisicalidade de que somos feitos.

Uma poderosa subversão dessa harmonia, entretanto, é-nos trazida por Claudia Maria de Vasconcellos, no artigo *No embalo da morte: a cadeira de balanço em Murphy e Rockaby*, em que nos apresenta duas obras de Samuel Beckett. Por um lado, no romance, essa subversão é materializada pela escolha de uma epistemologia corpórea radicalmente mental e interior, baluarte da intimidade e do solipsismo; por outro lado, a peça de teatro reconfigura, pelo movimento rítmico e centrípeto da cadeira de balanço, a pulsação irreprimível do orgânico. Já em *A arte como cristalização do absoluto e redenção do corpo: sacralidade e efemeridade em Cântico Final, na literatura e no cinema*, Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso sublinha, na adaptação cinematográfica de um romance de Vergílio Ferreira, um tropismo “redentor” que parece instituir, de modo algo intrusivo, um processo de sublimação artística do corpo, instância orgânica precível.

O gesto para-redentor surgirá, de novo, em outra linha de força do nosso tema: a atualização da função mito-pedagógica da narrativa sobre o corpo. Campo da literal encarnação do poder do tempo e da força das emoções, o conceito é trabalhado por Cláudia Sousa Pereira em *Corpo espaço com tempo: as dores de crescimento em Supergigante de Ana Pessoa e Bernardo P. Carvalho*. Trata-se do corpo masculino adolescente, tipicamente associado, nos contos tradicionais, ao grotesco, ao desastrado e ao desajustado – e que aqui, protagonista de uma narrativa da literatura juvenil portuguesa contemporânea, é também um objeto inter e polissemiótico.

O mundo maravilhoso do imaginário ancestral é de outro modo frequentado pelas obras analisadas em *A simbologia do corpo-cabelo em “Petrosinella” e “Fios de ouro”*, ensaio da autoria de Leandro Passos e Adriana Aparecida de Jesus Reis. Os dois pesquisadores nos mostram como duas narrativas, oriundas de momentos, autores e ambientes culturais diferentes, recuperam e desenvolvem a associação simbólica do corpo feminino ao cabelo, ao fio, à vegetabilidade, à maternidade e à vitória da vida.

Na seção “Ensaio” deste número, o leitor encontrará uma expansão das reflexões acerca do corpo, ainda, em *Expectativas de gênero em The locusts have no king, de Dawn Powell*, de Nayara Macena Gomes, que apresenta uma análise da inversão sexual de padrões narrativos, em especial à figura do herói, que desestabiliza a narrativa amorosa tradicional ao atribuir novos sentidos às relações sexuais e de gênero. Além desse, a seção é composta por mais dois textos dedicados à poesia de dois poetas brasileiros, o modernista Jorge de Lima e a contemporânea Ana Cristina Cesar: *Geografias de Orfeu: considerações sobre o hermetismo e o lastro histórico em dois poemas de Jorge de Lima*, de Rafael Iatzaki Rigoni, e *Poemas gatográficos de Ana Cristina Cesar*, de Nathaly Felipe Ferreira Alves.

A poesia se faz presente também na seção “Resenha”, em que Tania Yumi Tokairin apresenta-nos a antologia recém-publicada de uma poeta essencial para a poesia brasileira do século XX: *O Nervo do Poema: antologia para Orides Fontela*, organizada por Patrícia Lavelle e Paulo Henriques Britto, enfocando a bela e necessária relação entre poesia e filosofia que constituiu o “nervo” do projeto de Orides.

Boas leituras!

Profa. Dra. Annita Costa Malufe (PUC-SP)

Profa. Dra. Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)